

AUTISMO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Cleandro Stevão Tombini¹

Universidade Federal de Pelotas. E-mail: artistavisual@bol.com.br

Resumo: Esse artigo apresenta alguns resultados obtidos na área da inclusão escolar, verificados a partir de uma metodologia voltada para a mediação de conteúdos em Educação Ambiental, por meio da interação entre Arte e Ciências, duas disciplinas ministradas pela mesma professora na EMEF Monteiro Lobato, do município de Gravataí, RS, em 2010. Descreve de forma sucinta a metodologia utilizada pela docente, que teve como foco, abordar o tema transversal do meio ambiente (percepção e leitura deste), utilizando a fotografia como um recurso pedagógico (fotografando o entorno do arroio Barnabé, próximo à Escola), para que os alunos do 6º ano passassem a pensar, perceber e se sensibilizar com a realidade local (a poluição nas bordas e dentro do rio). Tece comentários a respeito do transtorno autista e da situação atual da inclusão escolar. Tem por objetivo principal, discutir os resultados alcançados na área da Educação Inclusiva, por meio da observação à produção do aluno com autismo, o qual se tornou protagonista do projeto, principalmente pela qualidade expressiva de seus desenhos e por suas reflexões (fala e escrita) produzidas durante o trabalho com o meio ambiente.

Palavras-chave: Educação ambiental, Inclusão escolar, Autismo.

Introdução

Esse artigo apresenta alguns resultados obtidos na área da inclusão escolar verificados a partir de uma metodologia voltada para a mediação de conteúdos em Educação Ambiental, por meio da interação entre Arte e Ciências, duas disciplinas ministradas pela mesma professora na EMEF Monteiro Lobato, do município de Gravataí, RS, em 2010.

Assim, este trabalho, realizado pela professora Simone Ledermann Correia², teve como objetivo abordar o tema transversal do meio ambiente, com foco na percepção e leitura deste, utilizando a fotografia como um recurso pedagógico, pelos alunos do 6º ano, para capturar imagens das bordas do arroio Barnabé, para que os alunos passassem a pensar, perceber e se sensibilizar com a realidade local (a poluição no entorno e dentro do rio).

Contudo, os melhores resultados, com a metodologia utilizada pela professora Simone, foram obtidos com um dos alunos da turma que era portador de autismo, o qual se tornou protagonista do projeto. Tal fato pode ser verificado, principalmente, pela qualidade

¹ Bacharel em Artes Plásticas (UFRGS - 2001/04), Licenciado em Artes Visuais (UNIASSELVI - 2015/16), Especialista em Pedagogia da Arte (UFRGS - 2010), Mestre em Artes Visuais (UFSM - 2012/13) e Doutorando em Educação (UFPeL - 2018).

² Possui Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (PUCRS - 2000/03) e Especialização em Educação Ambiental (SENAC-RS - 2006). Atualmente leciona na EMEF Jardim Florido, Gravataí, RS. E-mail: simoneleder@gmail.com. (85) 3322-3222

expressiva de seus desenhos e por suas reflexões (fala e escrita) produzidas durante o trabalho.

Assim, a importância de socializar mais informações (descobertas com as pesquisas de campo que retratam o real funcionamento da inclusão dentro das escolas públicas) por meio de trabalhos relacionados com o autismo, como este, em Educação Ambiental, reside no fato de que tal transtorno é um tema amplamente discutido, devido a sua grande ocorrência em qualquer grupo social, racial, cultural da população mundial.

Além disso, a questão da inclusão escolar é tema fundamental de discussão, justamente pela atualidade dessa discussão, ou seja, pelo fato de que o aluno especial deve estar inserido preferencialmente no Ensino Regular, segundo a legislação vigente.

Diante disso, esse artigo tem por objetivo principal, descrever de forma sucinta a metodologia em Educação Ambiental, utilizada pela professora, para em seguida, discutir os resultados alcançados na área da Educação Inclusiva, por meio da observação à produção do aluno com autismo.

Metodologia em Educação Ambiental

A metodologia a que nos referimos anteriormente, que utiliza a fotografia como recurso didático foi desenvolvida no município de Gravataí, RS, no ano de 2010.

Assim, a professora Simone Correia utilizou a fotografia como recurso pedagógico na mediação de conteúdos de Educação Ambiental, ao interagir Arte e Ciências (duas disciplinas que ela ministra na Escola Municipal de Ensino Fundamental Monteiro Lobato), realizando dessa forma, um trabalho interdisciplinar³. Segundo Yus (2002, p. 33), “[...] abordar um tema complexo, como é o dos problemas ambientais, requer necessariamente a cooperação de diferentes disciplinas [...]”.

A professora Simone trabalhou, neste projeto com o tema transversal do “meio ambiente”, com foco na percepção e leitura do ambiente, e foram os próprios alunos do 6º ano que fotografaram a Vila, a região urbana onde vivem e na qual está inserida a escola. Esta

³ Segundo Terezinha Flores (1995), uma boa metáfora para a interdisciplinaridade seria a da simbiose, como ocorre nos líquens, pois ocorrem trocas, interações entre fungos e algas. A autora comenta também que uma boa relação interdisciplinar poderia ser representada pelo símbolo arquetípico do Yin-Yang, que traduz as inter-relações, ou fusão dos contrários, e não uma relação de poder, provocando assim, “[...] convergências sem imposição de nenhuma espécie, de tal modo que as partes relacionadas se interpenetrem, resguardando-se as diferenças.” (FLORES, 1995, p. 26).

forma de abordagem realizada pela professora afina-se muito às reflexões de Walter Benjamin (2008, p. 107) em seu ensaio *Pequena história da fotografia*, quando menciona que:

Já se disse que ‘o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar’. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto? Não se tornará a legenda a parte mais essencial da fotografia?”

Mas, quanto à Vila, a professora Simone Correia (2016) comenta, que esta “[...] é o retrato do crescimento urbano desordenado. As casas tomam conta das bordas dos arroios (popularmente chamados de “valões”), que recebem permanentemente o esgoto doméstico, além de servir como depósitos de lixo” (fig. 1).



FIGURA 1 – Alunas da EMEF Monteiro Lobato observando o Arroio Barnabé.
FONTE: Fotografia feita pelos alunos (Arquivo da professora Simone Correia).

A proposta desse trabalho foi a de ficcionar a realidade através do uso da fotografia para que os alunos passassem a pensar⁴, ou seja, perceber e se sensibilizar com a realidade local.

Para Kade *et alii* (1975, p. 189), a percepção e avaliação do ambiente pelo indivíduo sofrem influência dos processos socioculturais, e “[...] variam, não só de uma pessoa para outra, mas também no próprio indivíduo, conforme se alteram as situações [...]”.

De acordo com a professora Simone Ledermann Correia (2016), “o uso da fotografia fez com que os alunos passassem a perceber em conjunto a realidade em que viviam, e que a situação vivenciada no entorno da Escola era ainda mais caótica do que eles imaginavam.”

Para Paulo Freire (2006, p. 74), a realidade é mediadora na intercomunicação entre o pensar do educador e o dos educandos, e “por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto.”

Outrossim, Roland Barthes (2002, p. 47), apresenta uma ideia que parece afinar-se com a proposta desse trabalho, ao afirmar que a fotografia nos faz refletir e que no fundo, “[...] é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*.”

Diante disso, deve-se mencionar que este trabalho não foi pensado e desenvolvido prioritariamente para “incluir”, nem pensado de forma a ser adaptado para o aluno com autismo⁵ presente na turma da professora Simone. Contudo, com a metodologia desenvolvida pela docente, voltada para o estudo do meio ambiente, o aluno conseguiu sentir-se à vontade para se expressar, escrever e falar sobre o assunto.

De acordo com o CID 10 (2000, apud NASCIMENTO; SILVEIRA, 2013, p. 202), o autismo é definido

como um transtorno global do desenvolvimento caracterizado por: a) um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos; e b) apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno é acompanhado, comumente, de numerosas

⁴ “O real precisa ser ficcionado para ser pensado.” (RANCIÈRE, 2005, p. 58).

⁵ Para Nascimento e Silveira (2013, p. 201) “o autismo é um transtorno definido por alterações presentes antes dos três anos de idade e que se caracteriza por alterações qualitativas na comunicação, na interação social e no uso da imaginação”. Já, segundo a definição da Autism Society Of American – ASA (1978), “[...] o autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida, aparecendo tipicamente nos três primeiros anos de vida.” (NASCIMENTO; SILVEIRA, 2013, p. 201)

outras manifestações inespecíficas, por exemplo: fobias, perturbações de sono ou da alimentação, crises de birra ou agressividade (autoagressividade).

Cabe destacar aqui, que no cenário atual da educação, uma mudança já está ocorrendo em nosso sistema de ensino, com a chamada inclusão escolar⁶. Depois de tantos anos de isolamento⁷, as pessoas com necessidades especiais estão sendo reconhecidas e inseridas na escola.

Neste sentido, a Inclusão pressupõe mudança de velhas práticas. Mudança supõe novas formas de pensar e, ao mesmo tempo, de organizar a realidade. A inclusão é o resultado de um processo de acumulação de necessidades históricas, e este acúmulo de necessidades resulta nas transformações que vêm ocorrendo na sociedade. (NASCIMENTO; SILVEIRA, 2013, p. 6).

A inclusão escolar veio para romper com a estrutura curricular fechada e homogeneizada da escola. Ela surge, rompendo com o paradigma educacional existente, ou seja, buscando romper com este, a partir da década de 1990, com a Declaração de Jomtien, e com a Declaração de Salamanca⁸, ocorrida no ano de 1994.

Mas, voltando ao projeto de Educação Ambiental, deve-se mencionar agora, que após fotografarem o arroio, os alunos fizeram anotações acerca do que viam ao seu redor (fig. 2), e, já em sala de aula, fizeram desenhos, para confeccionar uma espécie de cartilha sobre os

⁶ Ao final da década de 1960, iniciou-se o movimento pela integração social, que planejava “[...] inserir as pessoas com deficiência nos sistemas sociais gerais como a educação, o trabalho, a família e o lazer [...]” (SASSAKI, 1999, p. 31 apud NASCIMENTO; SILVEIRA, 2013, p. 6).

⁷ E, na antiguidade clássica era ainda pior, pois as pessoas com deficiência foram consideradas posses de demônios e de maus espíritos. [...]. Os modelos econômicos, sociais e culturais impuseram às pessoas com deficiência uma inadaptação geradora de ignorância, preconceitos e tabus que, ao longo dos séculos e séculos, alimentaram os mitos populares da ‘perigosidade’ das pessoas com deficiência mental e do seu caráter demoníaco, determinando atitudes de rejeição, medo e vergonha. (VIEIRA; PEREIRA, 2003, p. 17 apud NASCIMENTO; SILVEIRA, 2013, p. 6).

⁸ De acordo com Nascimento e Silveira (2013, p. 42), a Declaração de Salamanca, a qual fundamenta toda a ideia de inclusão escolar, foi construída na Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais, em Salamanca, na Espanha, e teve como objetivo principal “[...] a atenção educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais.” Esta declaração foi um marco na organização dos países que estiveram envolvidos, inclusive o Brasil, declarando, nesta conferência, entre outras coisas, que a escola deve oferecer oportunidades curriculares que se adaptem aos alunos com diferenças, e não o contrário, além disso, “[...] o princípio fundamental da escola inclusiva consiste em que todas as pessoas devem aprender juntos, onde quer que isto seja possível, não importam quais as dificuldades ou diferenças elas possam ter. Escolas inclusivas precisam reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com suas comunidades.” (NASCIMENTO; SILVEIRA, 2013, p. 42).

problemas ambientais no entorno do Arroio Barnabé, mencionada anteriormente na introdução desse artigo.



Figura 2 – Aluna da EMEF Monteiro Lobato fazendo anotações acerca do ambiente.

Assim, “durante a realização desse trabalho com o meio ambiente, foram os desenhos, a escrita e a fala do aluno com autismo que mais me chamaram a atenção.” (CORREIA, 2016).

Diante disso, a seguir será melhor discutida a participação do aluno com autismo no trabalho com o meio ambiente.

Resultados e discussão

Pode-se dizer que o uso da fotografia como recurso didático foi capaz de facilitar a percepção e a reflexão do entorno em que o aluno vive, e, ao desenvolver a habilidade de pensar, os estudantes ficaram mais criativos e se envolveram mais nas aulas, ficando mais questionadores, ou seja, mais seguros para discutir ou questionar os assuntos expostos pela professora.

Pelo exercício do perceber, os alunos passaram a enxergar mais, e assim, a avaliar de forma mais profunda, aquilo que estavam estudando, e acabaram conseguindo realizar mais conexões com outras áreas, percebendo que os conteúdos das disciplinas não são fragmentados.

Além de tais resultados gerais à turma, verificou-se que a metodologia utilizada pela professora foi capaz de estimular o aluno com autismo a produzir os desenhos mais conceitual e esteticamente interessantes, sendo um deles, escolhido para figurar na capa da cartilha, elaborada pela turma, para divulgar os problemas ambientais para a comunidade na Feira de Ciências da Escola (fig. 3).

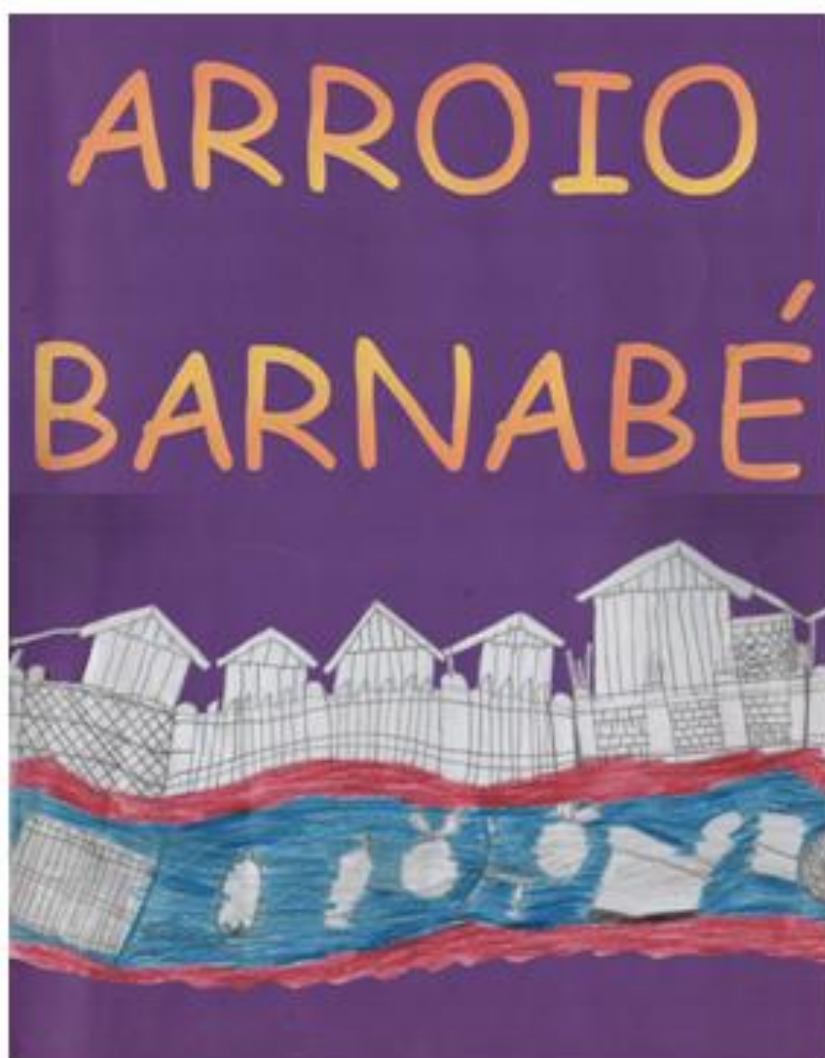


Figura 3 – Capa do livro sobre os problemas ambientais no entorno do Arroio Barnabé, exposto na Feira de Ciências da EMEF Monteiro Lobato, de Gravataí, RS.
Desenho feito por um aluno com autismo.

Outrossim, o aluno foi responsável pelas reflexões mais profundas acerca do tema que estava sendo abordado, como podemos observar em sua escrita (fig. 4).

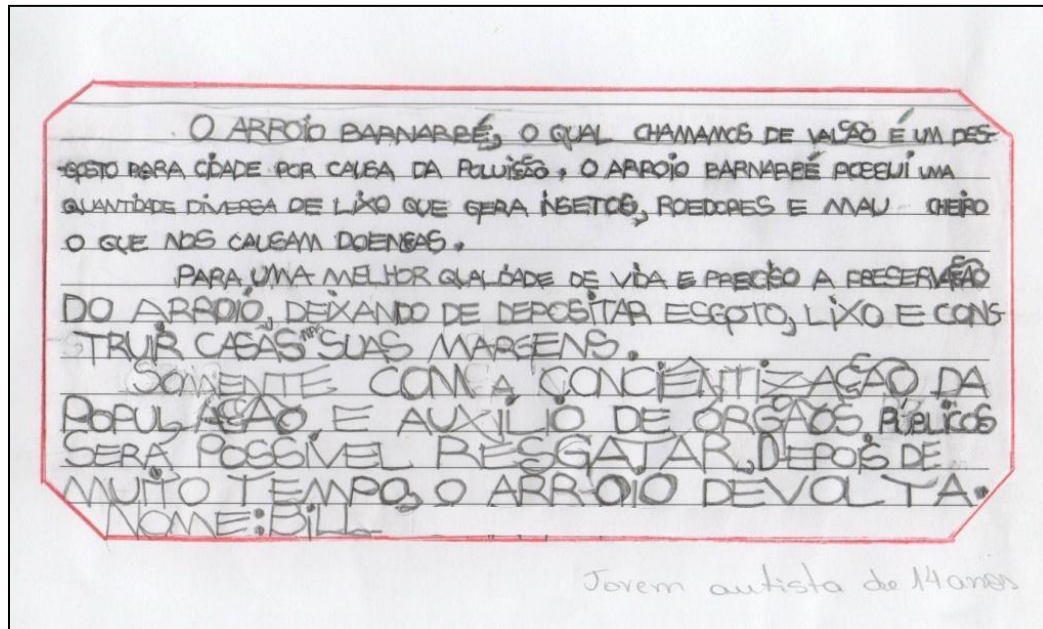


Figura 4 – Reflexões acerca dos problemas ambientais. Anotações realizadas por um menino com autismo.

Por fim, quanto à sua fala em sala de aula (reflexão verbal), o aluno em questão, pedia o silêncio dos colegas para poder expor a sua opinião acerca dos problemas verificados no entorno da Escola, fazendo inclusive relações com os telejornais que ele assistia diariamente.

Conclusões

Verificou-se que este trabalho em Educação Ambiental (percepção do meio ambiente) estimulou bastante o uso da imaginação pelo aluno com autismo, principalmente no que se refere à grande quantidade de detalhes empregados na realização de seus desenhos acerca da realidade local.

Observou-se ainda, que a metodologia empregada pela professora Simone, para explorar os problemas ambientais no entorno do Arroio Barnabé, reforçou a sua capacidade de expressão escrita e verbal.

E, por fim, quanto à sociabilidade, o aluno foi mais bem aceito pela turma, passando a ser visto com outros olhos, pois reconheceram sua grande capacidade intelectual. Além disso, ganhou destaque na feira de Ciências da Escola, devido ao seu envolvimento (dedicação e trabalho) no projeto ambiental, ganhando o primeiro prêmio, tendo assim, reconhecimento também da comunidade local.

Referências

Livros

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In. _____ **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KADE, Gerhard *et alii*. **O homem e seu ambiente**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

NASCIMENTO, Tatiana dos Santos da; SILVEIRA, Luciana Monteiro do. **Educação Inclusiva**. Indaial: UNIASSELVI, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível** – estética e política. São Paulo: Exo experimental e Editora 34, 2005.

YUS, Rafael. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Revistas ou periódicos

FLORES, Terezinha M. V. Ensaio sobre as relações interdisciplinares: assumindo as imprevisibilidades e imprevisibilidades. In: SILVA, Dinorá Fraga da; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. (Org.). **Interdisciplinaridade na sala de aula**: uma experiência pedagógica nas 3ª e 4ª séries do primeiro grau. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 25-34.

Entrevista concedida

Simone Ledermann Correia. Entrevista concedida. Porto Alegre, RS, Brasil, agosto de 2016.